

# Feminino, outras reflexões

Marina Massi

O número com o tema *Feminino, outras reflexões* se impôs ao planejamento editorial que havíamos feito, contemplando o tema *Palavra e verdade*, que daria continuidade ao abordado nos três últimos números lançados.

Por tradição, a *Revista Brasileira de Psicanálise* publica todos os *keynote papers* dos congressos internacionais da Associação Psicanalítica Internacional (IPA). Nesse caso, notamos que os artigos do congresso tinham relação com os textos de duas psicanalistas convidadas pela RBP, Jacqueline Rose e Adrienne Harris, que tratam da questão de gênero e do movimento #MeToo margeando a questão do feminino.

Descobrimos que o número sobre o feminino estava praticamente pronto e poderia, pela primeira vez, ser disponibilizado de modo digital para todos os colegas de língua portuguesa que fossem ao congresso em Londres, no mês de julho. Assim, mudamos o cronograma, e este número sobre o feminino vai a Londres. Todos os inscritos no congresso da IPA receberão este número em versão digital antes de chegarem ao evento. Essa é uma forma de a revista se fazer presente e colaborar com os colegas brasileiros e de outros países de língua portuguesa.

## Dos bastidores do número ao tema Feminino, outras reflexões

A problemática do feminino é um tema polêmico na teoria freudiana. A realidade histórica vem exigindo da psicanálise que repense o seu aporte teórico para se aproximar dos acontecimentos que a clínica, a cultura e o social vêm sinalizando, a partir de mudanças que desafiam o cotidiano dos analistas ocidentais.

O movimento feminista, o movimento de gênero LGBTQ+ (Martins, 2019), o movimento #MeToo e os avanços da reprodução assistida interpelam as ciências humanas, a medicina e a psicanálise sobre as vertiginosas mudanças em curso, sejam elas psíquicas, corporais, culturais ou sociais, com o respectivo impacto psíquico que, passo a passo, observamos adentrar os nossos consultórios, as instituições públicas de saúde mental ou o que passamos a denominar *psicanálise a céu aberto* (Khoury & Leite Netto, 2016).

As diversas abordagens psicanalíticas de atendimento clínico – em instituições, a céu aberto, em grupos, em família e casal, com adolescentes, com crianças, família-bebê, e individual – vêm investigando, psicanaliticamente, as novas configurações parentais (Ribeiro, 2016), as questões de gênero, a identidade, a identidade sexual, as diferenças sexuais e a relação masculino-feminino. Podemos dizer que há muita pesquisa no campo da psicanálise, motivo pelo qual abrimos um espaço na RBP para projetos com novas abordagens psicanalíticas e pesquisas, de modo que possam ser conhecidos e divulgados em nossa comunidade científica.

Em momentos de torção de eixos paradigmáticos ou de corte epistemológico de saberes, devemos reconhecer que o esforço da psicanálise em romper preconceitos quanto ao seu *modus operandi*, procurando aprofundar o estudo do seu método e da sua formação de analistas, bem como incluir novos enquadres e técnicas clínicas, de fato nos prepara e nos instrumentaliza de maneira mais sólida para a investigação e a compreensão das diferentes dinâmicas de sofrimento, que o mal-estar na cultura insiste em denunciar. Como ressalta o psicanalista Fernando Urribarri,

o enquadre, com o aprofundamento da compreensão de sua função metodológica (*à la* Laplanche), torna-se um operador clínico central e abre-se a variações funcionais antes interditas pela dogmática. O que importa, no novo modelo, é o *enquadre interno* do analista, conforme proposto por Green, e não mais sua redução a um conceito material (conjunto de regras). (2012, p. 57)

É importante salientar que a psicanálise, enquanto campo de conhecimento da psique humana, tem como função ética e social fazer face às mudanças e aos sofrimentos que uma nova era apresenta. Dizendo de outro modo, precisa-se de escuta, observação, investigação, reflexão e teorização para contribuir com as indagações, as angústias e os sofrimentos que a humanidade nos traz, de forma universal ou singular.

A psicanálise esteve na vanguarda, pela primeira vez, quando Freud ousou falar da importância da sexualidade humana antes que a própria cultura e a ciência pudessem formalizar algum tipo de reflexão mais organizada e com sentido sobre o tema. Outras vezes, porém, somos interpelados

pelas vanguardas culturais e sociais a dar a nossa contribuição e repensar os nossos conceitos em função do que já está acontecendo em muitas sociedades no mundo. São desafios que exigem coragem intelectual, liberdade de pensamento e ética dos psicanalistas para ir além do que nos apresentam a cultura e o social.

Aos habituais leitores da RBP e aos nossos colegas de outros países de língua portuguesa, desejamos a todos uma boa leitura!

## Referências

- Khoury, M. G. & Leite Netto, O. F. (2016). Psicanálise a céu aberto. *Jornal de Psicanálise*, 49(91), 91-96.
- Martins, E. S. T. (2019, 28 de junho). LGBTQ+ Etcetera: da Consolação à República. *Observatório Psicanalítico*, 110. Recuperado em 2 jul. 2019, de [www.febrapsi.org/publicacoes/observatorio/observatorio-psicanalitico-1102019/](http://www.febrapsi.org/publicacoes/observatorio/observatorio-psicanalitico-1102019/).
- Ribeiro, M. F. R. (2016). Reflexões sobre conjugabilidade e parentalidade: um caleidoscópio de constituições familiares. *Jornal de Psicanálise*, 49(91), 97-109.
- Urribarri, F. (2012). O pensamento clínico contemporâneo: uma visão histórica das mudanças no trabalho do analista. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 46(3), 47-64.

Marina Massi

Editora

[marinamassieditora@rbp.org.br](mailto:marinamassieditora@rbp.org.br)